

Diógenes Rebouças: Tempo, lugar e significado em dois projetos não construídos

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo. Diógenes Rebouças: Tempo, lugar e significado em dois projetos não construídos. Revista Docomomo Brasil, Rio de Janeiro, n. 3, p. 9-20, dez. 2018

data de submissão: 20/09/2018

data de aceite: 20/10/2018

Diógenes Rebouças: Time, place and meaning in two un-built works

Diógenes Rebouças: Tiempo, lugar y significado en dos proyectos no construidos

Nivaldo Vieira de ANDRADE JUNIOR

Doutor em Arquitetura e Urbanismo; professor do PPGAU-FAUFBA; nivaldo.andrade@ufba.br

Resumo

Diógenes Rebouças (1914-1994) foi, indiscutivelmente, o mais influente e prolífico arquiteto e urbanista atuante na Bahia no século XX e o principal responsável pela difusão da arquitetura moderna no Estado. Considerando que a produção de Rebouças teve seu apogeu entre a segunda metade da década de 1940 e a primeira metade da década de 1960, este artigo se dedica a analisar dois projetos tardios, pouco conhecidos e não construídos, que foram desenvolvidos nos seus últimos dez anos de vida, ambos realizados em sítios históricos de Salvador: o estudo para um mercado de peixe na pequena esplanada em frente ao Forte de Santa Maria, no Porto da Barra, elaborado em 1986, para o mesmo sítio e com o mesmo programa e escala de outro projeto elaborado por ele quase 40 anos antes; e o estudo, até agora inédito, para a ampliação vertical do cemitério do Campo Santo, concebido entre 1993 e 1994 e desenvolvido em parceria com o arquiteto Lourenço do Prado Valladares.

Palavras-chaves: Arquitetura moderna, Diógenes Rebouças, Salvador, cemitério do Campo Santo, intervenções em sítios históricos.

Abstract

Diógenes Rebouças (1914-1994) was undoubtedly the most influential and prolific architect and planner in Bahia in the 20th century and the main responsible for the diffusion of modern architecture in the State. While Rebouças production reached its apogee between the late 1940s and the early 1960s, this article focuses on two late, little-known and not-built projects that were developed in his last ten years of life, both carried out in historical sites in Salvador: a fish market on the small esplanade in front of the Fort of Santa Maria, in Porto da Barra, designed in 1986, for the same site and with the same program and scale of another project conceived by him almost 40 years

before; and the design, until now unpublished, for the vertical expansion of the Campo Santo cemetery, designed between 1993 and 1994 and developed in partnership with the architect Lourenço do Prado Valladares.

Keywords: Modern architecture, Diógenes Rebouças, Salvador, Campo Santo cemetery, interventions in historical sites.

Resumen

Diógenes Rebouças (1914-1994) fue, indiscutiblemente, el más influyente y prolífico arquitecto y urbanista actuante en Bahía en el siglo XX y principal responsable de la difusión de la arquitectura moderna en el Estado. Mientras la producción de Rebouças tuvo su apogeo entre la segunda mitad de la década de 1940 y la primera mitad de la década de 1960, este artículo se dedica a analizar dos proyectos tardíos, poco conocidos y no construidos, que se desarrollaron en sus últimos diez años de vida, ambos realizados en sitios históricos de Salvador: el diseño de un mercado de pescado en la pequeña plazoleta frente al Fuerte de Santa María, en Porto da Barra, desarrollado en 1986, para el mismo sitio y con el mismo programa y escala de otro proyecto elaborado por él casi 40 años antes; y el diseño, hasta ahora inédito, para la ampliación vertical del cementerio del Campo Santo, concebido entre 1993 y 1994 y desarrollado en asociación con el arquitecto Lourenço do Prado Valladares.

Palabras-clave: Arquitectura moderna, Diógenes Rebouças, cementerio de Campo Santo, intervenciones en sítios históricos.

Introdução

Diógenes Rebouças (1914-1994) foi, indiscutivelmente, o mais influente e prolífico arquiteto e urbanista atuante na Bahia no século XX e, em particular, entre o final da década de 1940 e o início da década de 1960. Principal difusor da arquitetura moderna da escola carioca em Salvador e no interior do Estado a partir de 1947, com obras como o Hotel da Bahia (em coautoria com Paulo Antunes Ribeiro), os Edifícios Cidade do Salvador e Sede do IPASE e a Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia – UFBA (em coautoria com José Bina Fonyat Filho e Fernando Machado Leal), Rebouças passou a se vincular à arquitetura brutalista internacional a partir do início dos anos 1960, em projetos como a Estação Marítima Visconde de Cairú e a Faculdade de Arquitetura da UFBA, em Salvador, e a Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, em Itaparica, desenvolvidos em coautoria com arquitetos mais jovens, todos seus alunos e ex-alunos¹.

Por diversas razões, a partir do final dos anos 1960, Diógenes Rebouças reduziu drasticamente sua produção projetual e passou a se dedicar principalmente ao ensino e às consultorias para grandes empre-

sas de engenharia e instituições públicas das áreas de planejamento urbano e preservação do patrimônio cultural, com destaque para a Construtora Norberto Odebrecht e para a representação baiana do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Entretanto, até o seu falecimento, em 1994, Rebouças seguiu elaborando, ainda que de forma mais esporádica, projetos arquitetônicos e urbanísticos, tendo inclusive oportunidade, nestas últimas décadas de atuação profissional, de pensar a requalificação e ampliação de algumas de suas próprias obras construídas anteriormente, como o Complexo Esportivo da Fonte Nova e o Hotel da Bahia.

Este artigo se dedica a analisar a produção tardia de Diógenes Rebouças, especialmente dois projetos pouco conhecidos e não construídos, que foram desenvolvidos na sua última década de vida, ambos realizados em sítios históricos da cidade de Salvador: o estudo para um mercado destinado à venda de peixe, na pequena esplanada em frente ao Forte de Santa Maria, no Porto da Barra, elaborado em 1986 na condição de consultor-técnico do IPHAN na Bahia, e que possuía os mesmos programa e localização de outro projeto elaborado por ele quase 40 anos antes; e a proposta, até agora inédita, para a ampliação vertical do cemitério do Campo Santo, concebida entre 1993 e 1994 e desenvolvido em parceria com o arquiteto Lourenço do Prado Valladares. As análises dos dois projetos se baseiam em desenhos originais de Rebouças².

O mercado de peixe no Porto da Barra

O primeiro projeto (1949): ecos de Lucio Costa

O primeiro projeto de Diógenes Rebouças para um mercado destinado à venda de peixe a ser construído nas proximidades do Forte de Santa Maria, no Porto da Barra, em Salvador, data de 1949 e foi elaborado no âmbito do Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (EPUCS), então coordenado por ele³. Rebouças tinha, à época, apenas 35 anos de idade, mas já era o autor de importantes projetos então em construção em Salvador, como o Estádio da Fonte Nova (1942-1951), o Hotel da Bahia (1948-1951) e a Escola-Classe I (1948-1950).

Construído pela Prefeitura de Salvador e inaugurado em 1950, o novo mercado teve como objetivo abrigar a venda de peixes e frutos do mar que já era realizada pelos pescadores da região em duas construções permanentes e grosseiras e em uma série de barracas improvisadas, montadas no horário da venda do pescado.

O Forte de Santa Maria, assim como o Forte de São Diogo, situado na outra extremidade da reduzida praia do Porto da Barra, no sopé do Morro de Santo Antônio, foi construído pelos portugueses após a retomada de Salvador dos invasores holandeses, em

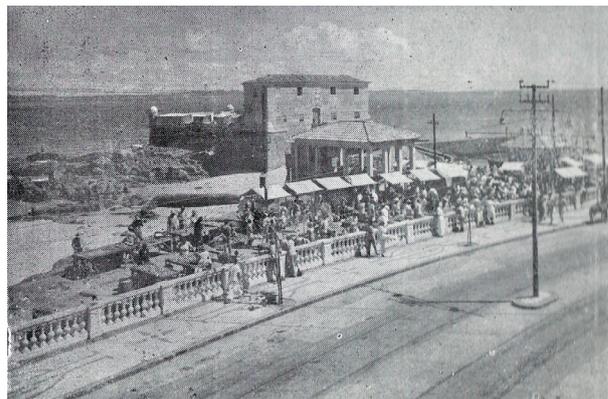


Figura 1 | Estruturas permanente (cobertura em quatro águas) e temporárias para venda de peixe na esplanada em frente ao Forte de Santa Maria

Fonte: SALVADOR, 1951

1625 e veio reforçar a defesa da Barra, até então realizada exclusivamente pelo Forte de Santo Antônio. Os fortes de Santa Maria e São Diogo, construídos no local “onde os batavos tinham desembarcado com toda a facilidade” e “eram parceiros na defesa do mesmo local de desembarque” (Oliveira, 2004, p. 194-195).

Os fortes de Santo Antônio da Barra e de Santa Maria foram tombados pelo IPHAN em 1938; o Forte de São Diogo, por sua vez, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia (IPAC) em 2002. Ainda no entorno imediato do sítio onde seria implantado o mercado para venda de peixe projetado por Rebouças, está o conjunto arquitetônico e paisagístico do Outeiro de Santo Antônio da Barra, sítio tombado pelo IPHAN em 1959 e que engloba a igreja homônima, situada no seu topo e tombada desde 1938.

O projeto do mercado para venda de peixe elaborado por Rebouças em 1949 incluía o “embelezamento” do pequeno largo fronteiriço ao Forte de Santa Maria e ao mercado e delimitado pela praia do Porto da Barra e pela Avenida Sete de Setembro. A intervenção na praça consistiu na sua pavimentação em conchas, seixos rolados e calçamento em mosaico português, com pedras pretas e brancas, além da instalação de bancos e frades de amarração em pedra lioz, da construção de cais ao longo da praça e de uma rampa de acesso aos saveiros (Salvador, 1950, p. 44; Salvador, 1951, p. 19).

O projeto do novo mercado demonstra a preocupação do arquiteto com a preservação da ambiência do pequeno forte do século XVII – uma preocupação que as grotescas construções anteriormente existentes não tinham. Ademais, reflete a capacidade incomum de Rebouças de realizar uma arquitetura que concilia, ao mesmo tempo, delicadeza e simplicidade.

O novo mercado corresponde à justaposição de dois elementos distintos, resultando em uma arquitetura

heterogênea, porém coerente. O primeiro elemento, maior, corresponde a uma levíssima varanda, com cobertura em telhas cerâmicas e estrutura de madeira que se apoia sobre vigas periféricas pintadas de branco. Estas vigas, por sua vez, apoiam-se em um conjunto de dez esbeltos pilotis, também pintados de branco. Entre os pilotis, uma mureta baixa, revestida com peças cerâmicas, estabelece o limite entre os espaços interno e externo. O segundo elemento corresponde a um minúsculo volume maciço em alvenaria de pedra aparente, que abriga os espaços de apoio aos pescadores e cujas únicas aberturas são as portas que o ligam à varanda.



Figura 2 | Foto de Pierre Verger vendo-se à esquerda o mercado de peixe projetado por Rebouças em 1949 e à direita o Forte de Santa Maria

Fonte: Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia/FAUFBA

A escala reduzida do novo mercado e a elegante cobertura que o torna quase diáfano garantem o protagonismo do Forte de Santa Maria naquele contexto, ao tempo em que o volume maciço construído em alvenaria de pedra aparente, com arrasto sobre a praia, faz referência direta à cantaria da plataforma de artilharia da antiga fortificação.

A reinterpretção de elementos da arquitetura tradicional é inequívoca e certamente encontra suas raízes nas obras de Lucio Costa, referência recorrentemente citada por Rebouças: no mercado do peixe é possível ouvir ecos, com maior ou menor ressonância, do Museu das Missões, em São Miguel das Missões (1938-1940), do Park Hotel São Clemente, em Nova Friburgo (1940-1944) e, principalmente, da Residência Saavedra, em Araruama (1942).

O crítico de arte José Valladares considerava o mercado do peixe de Rebouças uma pequena obra-prima da arquitetura moderna de Salvador. No “Bêabá da Bahia”, guia turístico que publicou em 1951, Valladares fez questão de incluí-lo ao tratar da “arquitetura moderna” por ser “moderno, distintamente enquadrado no ambiente, realmente fun-

cional e discretamente belo” (Valladares, 1951a, p. 70). Noutra ocasião, ao promover um balanço da arquitetura produzida durante o Governo Otávio Mangabeira (1947-1951), afirmou, certo:

Começamos pelo que é pequeno, mas onde o bom gosto se requintou numa de suas mais felizes manifestações entre nós: – o mercadinho de peixe no porto da Barra. É como um grande pássaro que tivesse pousado naquele recanto de praia, sem interferir na beleza da paisagem. Suas cores são o cinza avermelhado das rochas, o azul do céu e do mar, o branco das paredes do fortim de Santa Maria, seu aristocrático vizinho. O mercadinho, filho legítimo do local onde nasceu, aí se integra com a naturalidade de um membro da família. E é para os olhos uma visão de amenidade e graça – a graça e a amenidade que respiram em Salvador. (Valladares, 1951b, p. 194-195).

O segundo projeto (1986): ecos da cultura afro-brasileira

O mercado de peixe construído entre 1949 e 1950 foi demolido nas décadas seguintes, por razões que ainda não conseguimos identificar. Em 1986, passados quase 40 anos, Rebouças – agora aos 72 anos de idade – tem novamente a oportunidade de projetar um mercado para a venda de peixe no largo em frente ao Forte de Santa Maria.

O estudo é apresentado em uma única prancha em papel manteiga, contendo as plantas dos dois níveis, um corte transversal, uma elevação frontal e duas perspectivas, uma com o observador localizado no nível do largo, privilegiando a “fachada” frontal, outra com o observador no nível da praia, mostrando a fachada posterior. Os desenhos foram feitos a lápis e recobertos e pintados com hidrocor e lápis de cor⁴.

Conforme depoimento de seus ex-colegas da Superintendência do IPHAN na Bahia, esse estudo foi realizado por iniciativa do próprio Rebouças, então “consultor-técnico” do órgão, como “proposta substitutiva” – como se vê escrito no carimbo da prancha – a um projeto submetido pela Prefeitura Municipal de Salvador ao IPHAN e considerado inadequado pelo arquiteto.

Se o sítio e o programa eram os mesmos, não se pode dizer o mesmo do autor do projeto: de um jovem e promissor arquiteto autodidata que era no final dos anos 1940, Rebouças tinha se tornado, nos 37 anos que separam os dois projetos, o mais conhecido e respeitado projetista baiano, autor de centenas de projetos, além de um dos professores mais influentes da Faculdade de Arquitetura da UFBA, responsável pela formação de diversas gerações de profissionais.

Como não poderia deixar de ser, as referências e as soluções projetuais adotadas no novo projeto também seriam outras. Afinal, como teria afirma-



Figura 3 | Foto de Pierre Verger, vendo-se o mercado de peixe projetado por Rebouças em 1949 em primeiro plano e, ao fundo, o Forte de Santa Maria

Fonte: Fundação Pierre Verger - 29828

do o filósofo Heráclito de Éfeso (c. 535-475 a.C.), “nenhum homem consegue entrar duas vezes no mesmo rio. Da segunda vez, não é mais o mesmo homem nem o mesmo rio.” Neste caso, as alterações do “rio” – o sítio – foram relativamente poucas e dizem mais respeito à verticalização dos terrenos situados em frente ao local de implantação do mercado. Essa verticalização, contudo, não é registrada por Rebouças em seus desenhos. Entretanto, se o “rio” foi pouco modificado, o homem certamente era outro.

Se o muro de arrimo em alvenaria de pedra, referência ao forte, comparece novamente neste segundo projeto, por outro lado, no novo projeto, o mercado é um prolongamento do passeio sobre a praia: um espaço totalmente aberto, protegido por uma cobertura têxtil apoiada em uma malha hori-

zontal rígida. Esta malha se apoia em apenas dois pontos, próximos às duas extremidades: uma torre cilíndrica baixa, que abriga a escada helicoidal, sobre a qual seria instalada uma escultura de lemanjá, e uma torre de planta elíptica, mais alta, abrigando os sanitários e, acima destes, o reservatório.

Enquanto no nível da pequena esplanada encontra-se um espaço totalmente aberto, ao longo do qual serpenteiam um conjunto de balcões de formas sinuosas, no nível da praia temos uma espécie de *bunker* de pedra semienterrado e indevassável, iluminado apenas por pequenas aberturas quadradas voltadas para o mar e subdividido em uma sucessão de pequenos boxes. Rebouças radicaliza, com relação ao projeto de 1949, o caráter de espaço aberto do mercado: a linha entre espaço interior e espaço exterior é, agora, muito mais tênue.

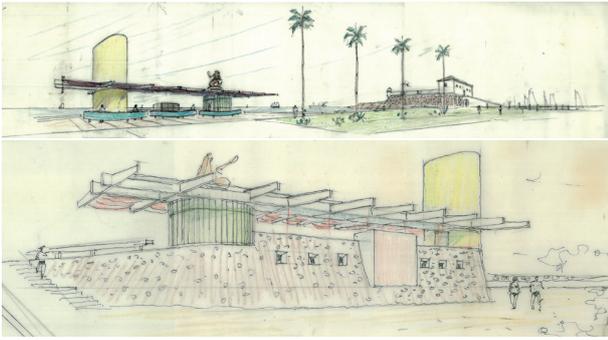


Figura 4 e 5 | Perspectivas da “proposta substitutiva” para um mercado de peixe no Porto da Barra elaborada por Diógenes Rebouças em 1986
Fonte: Mapoteca da Superintendência do IPHAN na Bahia

A proposta de Rebouças para um mercado para venda de peixe no Porto da Barra apresenta-se cheia de referências ao lugar e à cultura local, especialmente à contribuição africana à cultura brasileira, o que é sintetizado na escultura de lemanjá. Apesar da óbvia relação entre os futuros usuários da edificação e lemanjá, rainha do mar e padroeira dos pescadores, cabe-se perguntar quais os motivos da incorporação, na edificação, da representação de uma divindade das religiões afro-brasileiras, algo até então inédito na obra de Rebouças.

A resposta a esta pergunta pode estar no contexto cultural local da época. Afinal, naquele ano de 1986, o mesmo IPHAN no âmbito do qual Rebouças desenvolvia o novo projeto do mercado reconheceria pela primeira vez um terreiro de culto afro-brasileiro como patrimônio nacional: o Ilê Axé Iyá Nassô

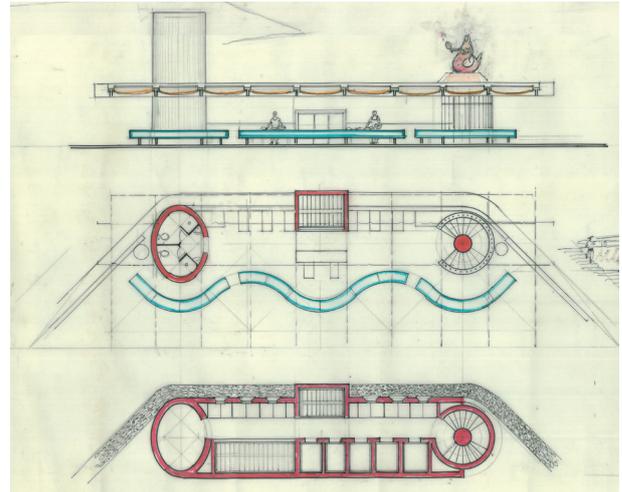


Figura 7 | Elevação e plantas dos pavimentos térreo e subsolo do mesmo projeto
Fonte: Elaborado pelo autor e por Priscila Nunes a partir do projeto original de Rebouças; Mapoteca da Superintendência do IPHAN na Bahia

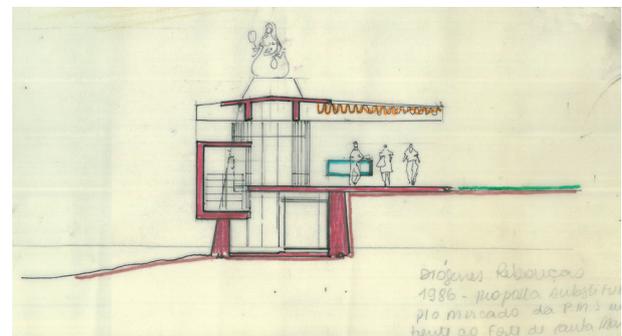


Figura 8 | Seção transversal do projeto elaborado por Rebouças em 1986 para um mercado de peixe no Porto da Barra.
Fonte: Mapoteca da Superintendência do IPHAN na Bahia



Figura 6 | Fotomontagem a partir de modelo virtual do projeto elaborado por Rebouças em 1986 para o mercado de peixe no Porto da Barra
Fonte: Elaborado pelo autor e por Priscila Nunes a partir do projeto original de Rebouças; Mapoteca da Superintendência do IPHAN na Bahia



Figuras 09 e 10 | Fotomontagens a partir de modelo virtual do projeto elaborado por Rebouças em 1986 para o mercado de peixe no Porto da Barra.

Fonte: Elaborado pelo autor e por Priscila Nunes a partir do projeto original de Rebouças

Oká, mais conhecido como terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador. Também em 1986, a arquiteta Lina Bo Bardi, que havia convivido intensamente com Rebouças entre 1958 e 1964, quando das suas primeiras estadias na capital baiana, retornava à cidade, agora a convite de Gilberto Gil, então Presidente da Fundação Gregório de Matos, para elaborar um “Plano de Recuperação do Centro Histórico de Salvador”, impregnado pela influência africana na cultura baiana, como revelam projetos como o da sede do Olodum e da Casa do Benin.

Ainda que distinto do primeiro mercado de peixe projetado décadas antes pelo mesmo Rebouças, à nova estrutura concebida em 1986 poderiam ser aplicadas as mesmas palavras do crítico de arte José Valladares: “filho legítimo do local onde nasceu, aí se integra com a naturalidade de um membro da família. E é para os olhos uma visão de amenidade e graça – a graça e a amenidade que respiram em Salvador” (Valladares, 1951b, p. 194-195).

O projeto de verticalização do cemitério do Campo Santo

O outro projeto tardio e não construído de Rebouças que analisaremos neste artigo corresponde a um estudo para a verticalização do cemitério do Campo Santo.

Esta necrópole é, há mais de um século e meio, a mais importante de Salvador e, atualmente, é também uma das maiores do Brasil. Implantada em um sítio elevado e arejado, foi inaugurada em 1836 pela Empresa dos Cemitérios da Cidade, nas terras da Fazenda São Gonçalo, fora dos limites urbanizados da cidade, no que corresponde atualmente ao bairro da Federação. Quatro anos depois, o terreno de aproximadamente 300.000 metros quadrados da fazenda, incluindo o cemitério, foi adquirido pela Santa Casa de Misericórdia, visando desativar sua antiga necrópole no Campo da Pólvora, então já incorporada à mancha urbana. (Costa, 2011)

O cemitério do Campo Santo é considerado, hoje, um “museu a céu aberto” (Costa, 2011, p. 95). O reconhecimento da relevância do seu patrimônio artístico e histórico e as recorrentes visitas de pesquisadores e interessados levou a Santa Casa de Misericórdia a criar, em 2007, o “Circuito Cultural do Cemitério Campo Santo”, contando com visitas guiadas e abrangendo 200 obras catalogadas, distribuídas em sete quadras do cemitério localizadas nas proximidades da igreja neogótica, projetada pelo arquiteto Carlos Croesy e construída entre 1870 e 1874.

Além da igreja, merecem destaque os túmulos de personalidades da história baiana que “permitem aos mais ilustres visitantes da Bahia equipararem o nosso principal cemitério ao do Père-Lachaise, em Paris, ao Campos Santos de Pisa, na Itália. [...] São muitas as curiosidades existentes no Campo Santo, entre as quais alguns mausoléus monumentais [...]”, conforme matéria publicada no jornal *A Tarde* em 3 de novembro de 1950 (apud Costa, 2011, p. 96-97). Dentre as obras funerárias que atraem os visitantes ao cemitério estão a “Estátua da Fé” que encima o mausoléu de José Joaquim Gomes d’Argolo, filho do Barão de Cajaíba, datada de 1865 e esculpida pelo alemão Johann Halbig, que foi tombada individualmente pelo IPHAN em 1966; o túmulo do governado Octávio Mangabeira, concebido pelo escultor Mário Cravo Junior em 1960; e o mausoléu da família Odebrecht, projetado pela arquiteta Lina Bo Bardi em 1963.

Em 1993, Diógenes Rebouças, então com 79 anos, foi convidado pelo Provedor da Santa Casa de Misericórdia da Bahia, o Engenheiro Nilo Simões Pedreira, para elaborar um projeto visando verticalizar parte do Cemitério do Campo Santo.⁵ Segundo o Engenheiro Paulo Segundo da Costa, à época “auxiliar direto da Provedoria”, a ideia era aproveitar “o desnível que há entre a cota do nível da quadra nº 5, lado oeste da Igreja, e a das quadras números 16 e 17.” (Costa, 2011, p. 111).

Ainda segundo Costa,

O Professor Diógenes achou viável a ideia e elaborou um esboço do projeto a ser desenvolvido, sugerindo o

Escritório de Arquitetura do Dr. Lourenço Valadares para elaborar o ante-projeto, visando a uma análise mais aprofundada da viabilidade da verticalização.

A solução sugerida pelo professor Diógenes era a de construir uma estrutura de concreto armado sobre as quadras 16 e 17, com pé direito que não afetasse os mausoléus e campas ali existentes; a partir da cota superior desta estrutura, fazer pavimentos com 3,5 metros de pé direito. Seriam quatro pisos; em cada pavimento construídos carneiros e ossuários. O Provedor solicitou ao Vice-Provedor acompanhar junto ao Arquiteto Lourenço Valadares o desenvolvimento do ante-projeto. (Costa, 2011, p. 111-112).

Os desenhos da proposta citada por Costa, na qual a estrutura elevada abrigando os carneiros e ossuários possuiria quatro pavimentos, não foram encontrados em nenhum dos arquivos nos quais se encontra disperso o acervo de Rebouças⁶. Tampouco no Centro de Memória Jorge Calmon da Santa Casa de Misericórdia da Bahia ou no arquivo do escritório Prado Valladares Arquitetos Ltda., liderado pelo arquiteto Lourenço Serrano do Prado Valladares, foram encontrados desenhos relativos à proposta citada por Costa.

A análise que faremos neste artigo se baseará, portanto, em um conjunto de cinco desenhos à lápis sobre papel manteiga localizados na residência Mariinha Andrade em 2011. A solução apresentada nestes desenhos corresponde àquela descrita por Costa, exceto pelo fato de possuir apenas um pavimento abrigando os lóculos⁷. Estes desenhos não possuem carimbo ou qualquer outra indicação que nos ajudasse a identificar que se tratava do cemitério do Campo Santo, o que só foi possível a partir da comparação da planta geral da proposta de Rebouças com fotos de satélite da necrópole.

Em entrevista concedida ao autor em 31 de janeiro de 2019, Lourenço do Prado Valladares, responsável pelo desenvolvimento do projeto, reconheceu estes desenhos como sendo parte dos estudos iniciais elaborados por Rebouças e que na sequência seriam desenvolvidos pelo escritório Prado Valladares.

Nesta mesma entrevista, Valladares esclarece que à época havia uma preocupação, por parte da dire-



Figura 11 | Estudo elaborado por Rebouças para criação de via perimetral ao cemitério do Campo Santo
Fonte: Acervo Diógenes Rebouças / Grupo de Pesquisa "Projeto, cidade e memória" / FAUFBA

ção da Santa Casa de Misericórdia, em evitar que a comunidade do Calabar, vizinha ao cemitério, continuasse a se expandir sobre os terrenos de propriedade da Santa Casa. Neste sentido, Rebouças e Valladares, no que viria a ser denominado de "Plano Diretor para o Campo Santo", propuseram a criação de uma via perimetral ao cemitério, estabelecendo um limite físico claro entre a necrópole e o Calabar.⁸ Como uma espécie de contrapartida, Rebouças começou a elaborar, a pedido de Norberto Odebrecht, um plano de urbanização para a comunidade do Calabar. Este plano ficaria inconcluso, uma vez que, na manhã do dia 06 de dezembro de 1994, Rebouças faleceu em decorrência de um infarto fulminante – segundo Valladares, justamente enquanto trabalhava no plano do Calabar.

O partido arquitetônico: arquitetura como estratificação

O projeto de ampliação vertical do cemitério do Campo Santo elaborado por Rebouças é formado por uma sucessão de módulos idênticos, organizados em três níveis. No nível térreo, a nova edificação se reflete apenas através dos pilares de concreto, que a elevam a 3,5 metros de altura do solo, liberando espacial e visualmente os mausoléus existentes, alguns dos quais detentores de relevante valor artístico⁹; acima, um volume fechado com 3,5 metros de altura abriga quatro níveis de gavetas empilhadas; por fim, na cobertura deste volume, um jardim descoberto, com canteiros e árvores de pequeno porte, plantadas sobre a nova estrutura. Temos, assim, de baixo para cima, uma alternância de espaços abertos e fechados: o antigo *campo sagrado* (campo santo) com seus mausoléus históricos [aberto], a estrutura que abriga os lóculos [fechada] e o novo jardim criado sobre a cobertura desta estrutura, a cerca de sete metros do nível do solo [aberto].

Uma das mais interessantes inovações funcionais do projeto – consequência do singular partido adotado – é a proposta de que os cortejos fúnebres passem a ser realizados no jardim situado na cobertura, ao término do qual a urna funerária seria baixada até o nível das gavetas por uma estrutura especialmente concebida por Rebouças para este fim. Na sequên-

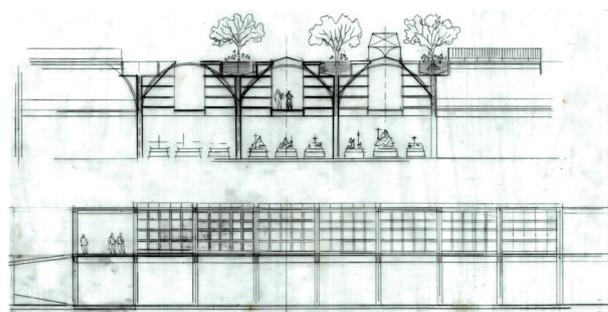


Figura 12 | Cortes da proposta de Rebouças para ampliação vertical do cemitério do Campo Santo
Fonte: Acervo Diógenes Rebouças / Grupo de Pesquisa "Projeto, cidade e memória" / FAUFBA

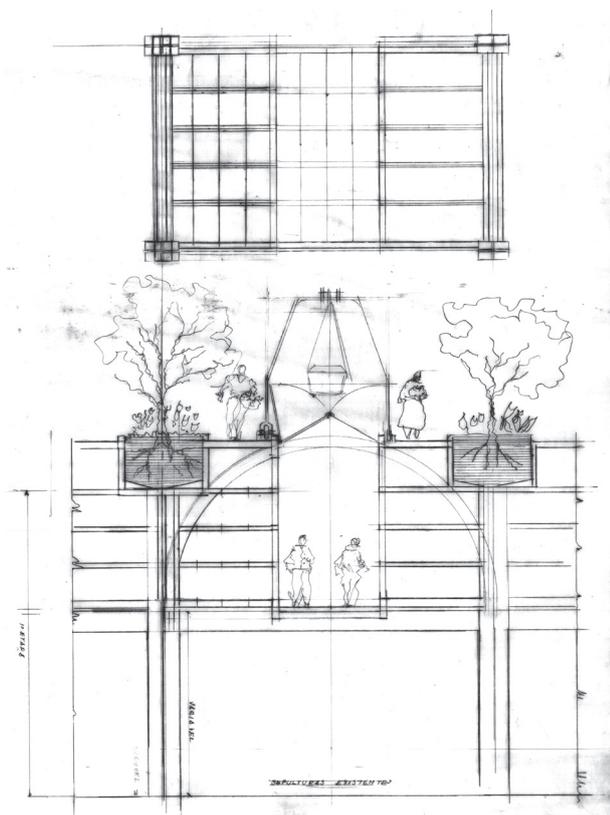


Figura 13 | Detalhe do corte e da planta de um módulo da proposta de Rebouças para ampliação vertical do cemitério do Campo Santo

Fonte: Acervo Diógenes Rebouças / Grupo de Pesquisa "Projeto, cidade e memória" / FAUFBA

cia, a urna seria transferida para um dos lóculos existentes no interior da nova estrutura.

A sobreposição de camadas do projeto de Rebouças representa não só uma alternância entre espaços abertos e fechados mas também entre espaços (ou níveis) destinados aos mortos e aos vivos: se os pavimentos térreo e intermediário são os *loci* dos mortos – os singulares mausoléus, no caso do nível térreo, e os infundáveis lóculos rigorosamente iguais, no caso do volume elevado –, eventualmente visitados pelos vivos, o nível mais alto corresponde a um jardim elevado destinados aos seres vivos (humanos, mas também as espécies vegetais), pelo qual os mortos passariam apenas durante os cortejos fúnebres.

O conceito de estratificação no projeto de verticalização do cemitério do Campo Santo concebido por Rebouças pode ser interpretado ainda no sentido proposto pelo restaurador italiano Marco Dezzi Bardeschi, como uma nova arquitetura que se sobrepõe, como uma nova camada, a uma edificação ou a um sítio preexistente, construído coletivamente através do tempo. Para Dezzi Bardeschi, "os arquitetos [...] têm o dever de aportar nova matéria ao contexto da edificação sem que isso penalize a estratificação e a distinguibilidade das fases construtivas e de uso". (DEZZI BARDESCHI, 2004, p. 218, tradução do autor). As bases desta reflexão de Dezzi Bardeschi estão no pensamento de

outro teórico do restauro italiano, Roberto Pane, que em 1957 já havia afirmado que é absurdo

ignorar a evidente realidade histórica da estratificação que se realizou no passado, configurando, com os seus contrastes, o ambiente que desejamos salvar, e negar que, do mesmo modo, possa e deva ocorrer também no presente. A inserção de formas novas na cidade antiga não poderia deixar de ocorrer mesmo se as normas de proteção e o mais rigoroso respeito fossem observados. (Pane, 2017, p. 315)

A permanência do moderno

A vinculação do projeto elaborado por Rebouças nos anos 1990 à arquitetura moderna da escola carioca de matriz corbusiana pode ser reconhecida na adoção de elementos recorrentes naquela produção, como os pilotis e o terraço jardim. Rebouças já havia incorporado esses elementos ao seu repertório a partir do final dos anos 1940, em projetos construídos como o do Hotel da Bahia (1948) e do Edifício-sede do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado – IPASE (1952).

Do mesmo modo, Rebouças retoma, na proposta para o Campo Santo, a solução de circulação vertical que já havia sido adotada anteriormente em diversos projetos desde o final dos anos 1940, como o Ginásio da Bahia – Setor do Garcia (projeto não executado de 1949) e a Penitenciária do Estado (projeto parcialmente executado, elaborado a partir de 1950). De outros projetos de sua autoria dos anos 1960, já da fase brutalista, Rebouças retoma aqui temas como a rigorosa modulação (Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, em Itaparica, de 1968) e a adoção de elementos estruturais e de vedação em concreto pré-moldado (Estação Marítima de Passageiros Visconde de Cairú, de 1962).

Guardadas todas as proporções decorrentes da imensa diferença de escala entre os dois projetos, a solução estratificada proposta por Rebouças para a ampliação vertical do cemitério do Corpo Santo apresenta, ainda, semelhanças com o "plano urba-

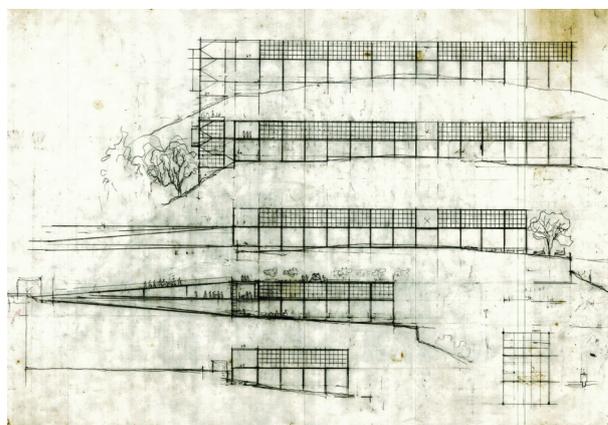


Figura 14 | Estudos de implantação e de acesso ao cemitério vertical do Campo Santo, projeto de Rebouças (1993-94)

Fonte: Acervo Diógenes Rebouças / Grupo de Pesquisa "Projeto, cidade e memória" / FAUFBA

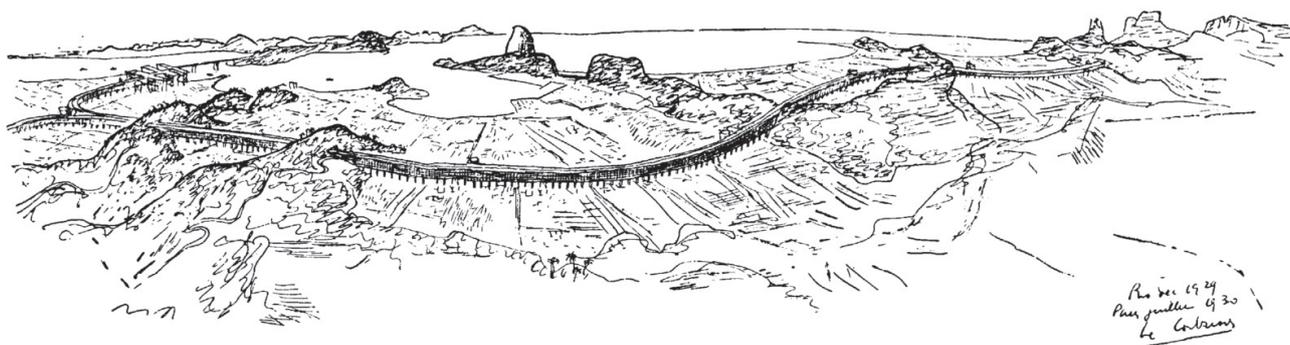


Figura 15 | Croqui do “plano urbano” de Le Corbusier para o Rio de Janeiro, 1929
Fonte: TSIOMIS, 1998

no” desenvolvido por Le Corbusier para o Rio de Janeiro durante a sua primeira visita ao Brasil, em 1929: enquanto as preexistências ficam intactas no nível do solo, um novo volume elevado sobre pilotis – serpenteante no caso de Le Corbusier, rigorosamente ortogonal no caso de Rebouças – abriga as células “habitacionais” (em um caso para os vivos, no outro para os mortos). A cobertura, por sua vez, se configura como espaço linear de circulação (de veículos automotores, no caso carioca, e de cortejos fúnebres, no caso baiano).

Curiosamente, as palavras de Rodrigo Queiroz para descrever a proposta de Le Corbusier para o Rio de Janeiro poderiam igualmente ser aplicadas no projeto de Rebouças para o Campo Santo: “uma imensa infraestrutura, uma forma unitária que, nesse caso, dá o contorno de uma edificação que assume a escala da própria paisagem.” (Queiroz, 2013).

Diálogos possíveis entre Rebouças e Rossi: a casa dos vivos, a casa dos mortos.

É difícil resistir à tentação de comparar o projeto de Rebouças para a ampliação vertical do Campo Santo com o projeto arquitetônico de ampliação cemiterial mais difundido da segunda metade do século XX: o cemitério de San Cataldo, em Modena, Itália, projeto de Aldo Rossi e Gianni Braghieri (1971-1978). Embora tenha sido elaborado mais de vinte anos antes do projeto de Rebouças, o projeto de Rossi e Braghieri obteve ampla divulgação internacional e é provável que Rebouças o conhecesse. Em comum, os dois projetos, de Rossi (e Braghieri) e Rebouças (e Valladares), possuem o fato de se basearem em um preciso rigor geométrico, calcado na ortogonalidade e na modulação.

Alberto Ferlenga, autor de uma das principais monografias dedicadas à obra de Rossi, em um texto sobre o Cemitério de San Cataldo, observa que:

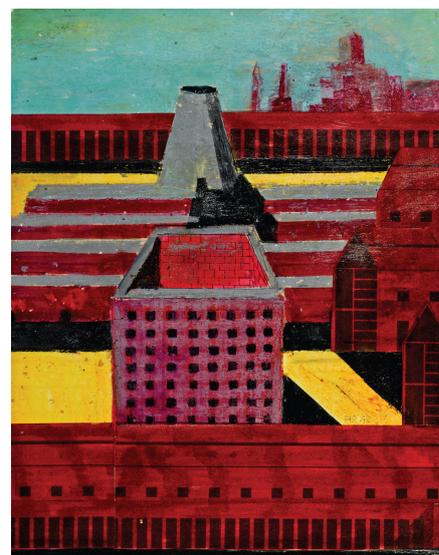
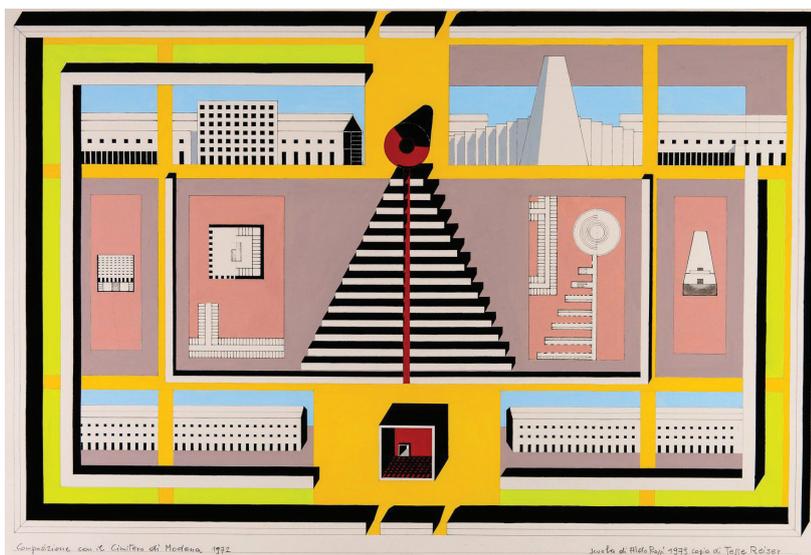
O cemitério, como edifício, é a casa dos mortos. Originalmente, a tipologia da casa e a da tumba não se distinguem. A tipologia da tumba e das construções funerárias se confunde com a tipologia da casa, corredores retilíneos, espaço central, terra e pedra. (Ferlenga, 2000, p. 50, tradução do autor)

Também no projeto de Rebouças para o Campo Santo encontramos a tipologia da casa. Porém, aqui, as tipologias adotadas por Rossi no projeto de San Cataldo – o pátio central tão comum na arquitetura residencial mediterrânea e a casa a *ballatoio* tipicamente milanese – são substituídas pela tipologia do bloco horizontal, característica do conjunto habitacional moderno, como uma *unité d’habitation* dos mortos: um “corredor retilíneo” central, ao redor do qual se organizam as “habitações”. Apesar desta diferença tipológica, em ambos casos – Rossi e Rebouças, Modena e Salvador –, é certo que “a tipologia da casa e a da tumba não se distinguem”, ainda que sejam, paradoxalmente, distintas entre si. Há, ainda, uma outra diferença fundamental entre os dois projetos. Em sua obra, Rossi busca uma arquitetura quase metafísica, em que o caráter arquetípico da edificação se intensifica pela ausência completa de pessoas, como se pode observar nos seus desenhos originais. O cemitério de Rossi é uma arquitetura da ausência, do vazio e do silêncio. Afinal, a necrópole é, por definição, a cidade dos mortos. Embora reconhecesse que “as coisas, os objetos, as construções dos mortos não são diferentes das dos vivos”, Rossi observa, sobre seu projeto para o Cemitério de San Cataldo, que “Lembrava o túmulo de Eurisace, uma obra abandonada, uma casa vazia; também via a morte no sentido de ‘ninguém vive aqui’, e, portanto, de um remorso, porque não sabíamos que classe de relações estávamos mantendo com esse ‘ninguém’, a quem, contudo, buscávamos. (Rossi, 1998, p. 50, tradução do autor)

Nos desenhos de Rebouças, ao contrário, o cemitério está ocupado de pessoas que o *vivenciam*, *vivificam* e *vitalizam*, tornando-o, assim, lugar também dos vivos. Se, para Rossi, o cemitério é um espaço abandonado, vazio, um lugar onde “ninguém vive”, para Rebouças, a necrópole é um *lugar* habitado e frequentado também pelos vivos.¹⁰

Considerações finais

O projeto do mercadinho de peixe de 1986 pode ser interpretado como um “flerte” de Rebouças com a cultura afro-baiana então em ebulição na Bahia, algo até então impensável na sua obra. O mercado



Figuras 16 e 17 | “Composições com o cemitério de Modena”, de Aldo Rossi

Fonte: <https://www.drawingmatter.org/sets/drawing-week/jesse-reiser-aldo-rossi>; <https://www.dezeen.com/2015/07/30/san-cataldo-cemetery-modena-italy-aldo-rossi-postmodernism>

é, assim, um *lugar* impregnado da cultura local. Já a proposta para a ampliação vertical do cemitério do Campo Santo corresponde à retomada de elementos e referências da tradição moderna da escola carioca de matriz corbusiana, à qual o arquiteto baiano esteve intensamente vinculado entre o final dos anos 1940 e o início dos anos 1960.

Se o projeto para o diminuto mercado do peixe é absolutamente heterogêneo, assimétrico e singular, dialogando, em termos de escala e materialidade, com a arquitetura do Forte de Santa Maria, o estudo para a ampliação vertical do cemitério do Campo Santo, por sua vez, se apresenta como uma estrutura modular e racional que, apenas tocando o solo sagrado do antigo cemitério, permite criar uma nova “cidade dos mortos” (e dos vivos) elevada, quase como uma superestrutura contínua e sem limites, se aproximando das propostas dos metabolistas japoneses nos anos 1950 e 1960 e dos coletivos italianos Archizoom Associati e Superstudio nos anos 1960 e 1970. No projeto para a necrópole de Salvador, o que Rebouças busca não é a solução pontual, específica, como no projeto do mercado, mas um partido geral, um princípio de intervenção genérico e reprodutível.

Em comum, as duas intervenções concebidas por Diógenes Rebouças para sítios de valor patrimonial demonstram sua compreensão da arquitetura como ato cultural, como expressão de seu tempo e reflexo de seu *lugar*, e por isso mesmo respeitosa – ainda que de formas distintas, nos dois projetos – dos valores culturais das preexistências arquitetônicas e paisagísticas.

Um último aspecto comum a se destacar nestes dois estudos de Rebouças é o poder de síntese do arquiteto. O corte-fachada cubista do projeto de

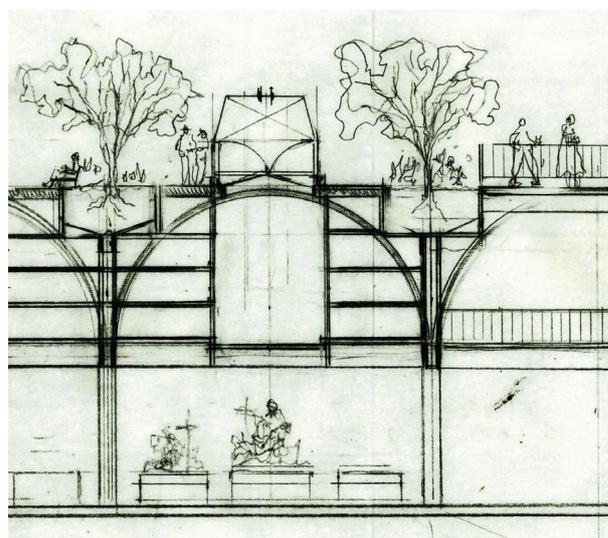


Figura 18 | Detalhe de corte do cemitério vertical do Campo Santo, projeto de Rebouças (1993-94)

Fonte: Acervo Diógenes Rebouças / Grupo de Pesquisa “Projeto, cidade e memória” / FAUFBA

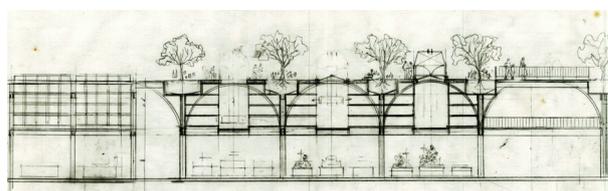


Figura 19 | “Corte cubista” do cemitério vertical do Campo Santo, projeto de Rebouças (1993-94)

Fonte: Acervo Diógenes Rebouças / Grupo de Pesquisa “Projeto, cidade e memória” / FAUFBA

ampliação do cemitério permite compreendê-lo espacialmente, ainda que de forma esquemática, em um desenho supostamente planimétrico. Rebouças consegue, numa única e contínua elevação, nos mostrar interior e exterior, seção transversal e seção longitudinal, espaços e percursos.¹¹ Na proposta

para o mercadinho do peixe, uma única prancha, conjugando plantas, elevações e perspectivas, consegue sintetizar plenamente o projeto.

Agradecimentos

Agradecemos aos arquitetos João Legal Leal e Eduardo Furtado de Simas, do IPHAN, pelas informações prestadas sobre o projeto do mercado de peixe de 1986; e ao arquiteto Lourenço do Prado Valladares, pelo compartilhamento de informações e reflexões sobre o desenvolvimento do projeto de Rebouças para o Cemitério do Campo Santo. Agradecemos ainda à colaboração do arquiteto Marcelo Serva e da historiadora Adriana Bastos Santos, da Santa Casa de Misericórdia, no acesso ao acervo documental do Centro de Memória Jorge Calmon e ao professor e arquiteto Geraldo Bezerra de Araújo pelo empréstimo do livro “Campo Santo: resumo histórico”.

Notas

¹ O projeto da Estação Marítima Visconde de Cairú (atual sede da Companhia das Docas do Estado da Bahia – CODEBA) foi desenvolvido em coautoria com Assis Reis; o projeto da sede da Faculdade de Arquitetura da UFBA, com Ana Maria Fontenelle e Analdino Lisboa; o projeto da Biblioteca Juracy Magalhães Júnior, em Itaparica, com Ana Maria Fontenelle e Ana Tereza Pontes.

² A partir de 2014, como parte das atividades comemorativas do centenário de nascimento de Rebouças, o autor deste artigo organizou, com um grupo de colaboradores, a primeira exposição dedicada à obra do arquiteto. Intitulada “Diógenes Rebouças: cidade, arquitetura e patrimônio”, a exposição, apresentando cerca de uma centena de obras através de 39 painéis e 16 maquetes, foi inaugurada em 13 de agosto de 2015 no foyer do Teatro Castro Alves, em Salvador, ficando aberta à visitação até 08 de setembro do mesmo ano. Entre 16 e 24 de abril de 2016, a exposição foi remontada na Galeria Janete Costa, no Parque Dona Lindu, em Recife, como parte da programação do 11º Seminário Docomomo Brasil. Em novembro de 2017, por sua vez, foi lançado o catálogo da exposição (ANDRADE JUNIOR et al., 2017). Os dois projetos para o mercadinho de peixe no Porto da Barra, de 1949 e 1986, fizeram parte da exposição e do catálogo, através de maquetes elaboradas especialmente para a exposição, de parte das fotografias de época reproduzidas neste artigo e dos desenhos originais de Rebouças para o projeto de 1986. Quanto ao cemitério do Campo Santo, não há qualquer menção na exposição ou no seu catálogo, posto que as informações disponíveis naquele momento eram insuficientes até mesmo para confirmar a autoria de Rebouças ou para data-lo dentro de sua produção. Somente em 2018 o acesso a fonte bibliográfica que faz referência ao projeto (Costa, 2011), confirmando a autoria de Rebouças e datando o projeto de 1993/1994, permitiram que a pesquisa avançasse, inclusive abrindo caminho para outras fontes. O cemitério do Campo Santo

é, portanto, um projeto inédito, e os respectivos desenhos incluídos neste artigo estão sendo publicados pela primeira vez.

³ O Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador (EPUCS) corresponde à primeira experiência de planejamento urbano integrado realizada na Bahia. O EPUCS teve um papel fundamental não só no planejamento urbano da capital baiana, como a historiografia já registrou, mas também na consolidação da arquitetura moderna e no processo de autonomização do campo arquitetônico no Estado, como o autor demonstrou em sua tese de doutorado (ANDRADE JUNIOR, 2012). Além dos pioneiros levantamentos, estudos e propostas realizados em sua primeira fase (1943-1947), sob a coordenação de Mário Leal Ferreira, o EPUCS, na sua segunda fase (1947-1950), sob a coordenação de Diógenes Rebouças, terminou por se constituir, informalmente, no primeiro escritório de projetos urbanísticos e arquitetônicos da Bahia. É no contexto desta segunda fase que Rebouças elabora o projeto do mercado do peixe nas proximidades do Forte de Santa Maria.

⁴ Para facilitar a compreensão da proposta, neste artigo optamos por apresentar a prancha dividida em partes (Figuras 04, 05, 07 e 08).

⁵ Nilo Simões Pedreira foi Vice-Presidente da Construtora Norberto Odebrecht, empresa para a qual Rebouças elaborou diversos projetos e atuava como consultor desde a década de 1940. Ademais, a residência de Pedreira, na Graça, havia sido projetada por Rebouças.

⁶ Os desenhos originais de Rebouças e outros documentos pessoais estão dispersos em diversos arquivos, dentre os quais o Centro Estudos da Arquitetura na Bahia da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (CEAB/FAUFBA), o Memorial Diógenes Rebouças no Mosteiro de São Bento (MDR/MSB) e a Superintendência na Bahia do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN-BA), além do Grupo de Pesquisa “Projeto, cidade e memória” da FAUFBA, coordenado pelo autor do artigo.

⁷ Estes e outros desenhos, assim como alguns documentos originais de Rebouças, incluindo seus diplomas de graduação, se encontravam guardados, a pedido de seu filho Diógenes Rebouças Filho, na residência da Sra. Mariinha Andrade, ex bibliotecária da Escola Politécnica da UFBA e amiga de infância do arquiteto. Esses documentos e desenhos foram doados ao Grupo de Pesquisa “Projeto, cidade e memória” da FAUFBA em 2016.

⁸ Na entrevista supracitada, Valladares nos informa ainda ter ficado responsável pelos estudos de viabilidade econômica da proposta de verticalização do cemitério.

⁹ A construção de uma estrutura elevada sobre os mausoléus existentes seria, ao mesmo tempo, o maior mérito do projeto de Rebouças e, provavelmente, um dos principais motivos dele ter sido abortado: Paulo Segundo da Costa observa que “foram ouvidos alguns titulares de jazigos perpétuos situadas [sic] nas referidas quadras e, de modo geral, houve oposição à solução aventada, por entenderem as pessoas ouvidas que os jazigos ficariam prejudicados, por falta de insolação, com a luminosidade reduzida, e descaracterização. Projeto dessa ordem não deve ficar sujeito a futuras pendências jurídicas. O Provedor resolveu postergar-lo.” (Costa, 2011, p. 115). Segundo

Costa, outros motivos para a não realização do projeto de Rebouças teriam sido o falecimento, em 25 de março de 1994, do Provedor Nilo Pedreira, que havia encomendado o projeto, e “a necessidade de avolumado recurso financeiro para sua execução” (Costa, 2011, p. 112-113).

¹⁰ Aqui adotamos a diferenciação feita por Josep María Montaner dos conceitos de espaço e lugar: “Os conceitos de espaço e de lugar, portanto, podem ser diferenciados claramente. O primeiro tem uma condição ideal, teórica, genérica e indefinida, e o segundo possui um caráter concreto, empírico existencial, articulado, definido até os detalhes. O espaço moderno baseia-se em medidas, posições e relações: é quantitativo; desdobra-se mediante geometrias tridimensionais; é abstrato, lógico, científico e matemático; é uma construção mental. Ainda que o espaço fique sempre delimitado – como sucede de forma tão perfeita no espaço tradicional do Panteon de Roma ou no espaço dinâmico do Museu Guggenheim de Nova Iorque –, pela sua própria essência tende a ser infinito e ilimitado. Ao contrário, o lugar é definido por substantivos, pelas qualidades das coisas e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos; é ambiental e está relacionado fenomenologicamente com o corpo humano.” (Montaner, 2001, p. 31-32)

¹¹ A expressão “corte cubista” foi utilizada pelo arquiteto Lourenço do Prado Valladares durante a entrevista que realizamos com ele, anteriormente citada.

Referências Bibliográficas

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo V. de. *Arquitetura Moderna na Bahia, 1947-1951: Uma história a contrapelo*. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. 2 v.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo V. de; LEAL, João Legal. *Arquitetura moderna e reciclagem do patrimônio edificado: a contribuição baiana de Diógenes Rebouças*. In: *Anais do 7º Seminário Docomomo Brasil*. Porto Alegre: PROPAP/UFRGS, 2007.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo V. de; SAMPAIO, Gabriela G.; ALBAN, Pedro; OTREMBIA, Gabriela (Orgs.). *Diógenes Rebouças: cidade, arquitetura e patrimônio*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/24681/1/Catalogo_DIOGENES_REBOUCAS.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2018.

COSTA, Paulo Segundo da. *Campo Santo: resumo histórico*. Salvador: Contexto & Arte, 2011.

DEZZI BARDESCHI, Marco. *Nuove risorser: dall'archeologia industriale alla valorizzazione del patrimonio industriale in disuso*. In: _____. *Restauro: due punti e da capo*. Milan: FrancoAngeli, 2004, p. 197-219.

FERLENGA, Alberto. *Cimitero di San Cataldo a Modena, 1971-1978*. In: ROSSI, Aldo; FERLENGA, Alberto (a cura di). *Aldo Rossi. Tutte le opere*. Milano: Electa, 2000.

MONTANER, Josep María. *A modernidade superada: ensaios sobre arquitetura contemporânea*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. *As fortificações portuguesas de Salvador quando Cabeça do Brasil*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2004.

PANE, Roberto. *Cidades antigas edificação nova (1957)*. *Revista Thésis – ANPARQ*, n. 4, p. 309-330, nov.-dez. 2017. Disponível em: <http://anparq.web965.uni5.net/index.php/revista-thesis/article/view/174/pdf_73>. Acesso em: 11 jan. 2019.

QUEIROZ, Rodrigo. *Le Corbusier, Paisagem do Rio de Janeiro, 1936*. *Blog do Instituto Moreira Salles*, <http://www.blogdoims.com.br/>, 15 jan. 2013. Disponível em: <<https://blogdoims.com.br/le-corbusier-paisagem-do-rio-de-janeiro-1936-por-rodrigo-queiroz/>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

ROSSI, Aldo. *Autobiografia científica*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.

SALVADOR. Prefeitura Municipal da Cidade do Salvador. *Relatório apresentado à Câmara Municipal pelo Prefeito José Wanderley de Araujo Pinho por ocasião da abertura da sessão a 7 de abril de 1950*. [Salvador,] Bahia: Imprensa Oficial da Bahia, 1950.

SALVADOR. Prefeitura do Município do Salvador. *Obras Públicas na Administração Wanderley Pinho 1947-1951*. [Salvador,] Bahia: Tipografia Beneditina, 1951.

TSIOMIS, Yannis (Org.). *Le Corbusier, 1929, 1936*. Rio de Janeiro: Centro de Arquitetura e Urbanismo, 1998.

VALLADARES, José. *Bêabá da Bahia: guia turístico*. Salvador: Livraria Turista Editora, 1951a.

_____. *As artes no governo Mangabeira*. In: _____. *Domínicais: seleção de crônicas de arte 1948-1950*. Salvador: Edições Caderno da Bahia, 1951b, p. 193-197.